

- 4 FEV 1995

CORREIO BRAZILIENSE

Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara
CAMOES, e, VII e 14

Diretor Presidente
Paulo Cabral de Araújo

Diretor de Redação

Ricardo Noblat

Editor Executivo

José Negreiros

Diretor Vice-Presidente

Ari Cunha

Diretor Comercial

Maurício Dinepi

Diretor de Marketing

Márcio Cotrim

Diretor Gerente

Evaristo de Oliveira

Diretor Industrial

Oswaldo Abílio Braga

Diretor de Planejamento

João Augusto Cabral

FHC

A fala do presidente

Em seu primeiro pronunciamento em cadeia de rádio e televisão após a posse em 1º de janeiro, o presidente Fernando Henrique Cardoso cumpriu um dos mais sagrados deveres do regime democrático — o de prestar contas à nação dos atos e das intenções do governo. E, a um só tempo, interrompeu o silêncio em que estavam mergulhados os setores de comunicação oficiais, não se sabe bem se por desinteresse voluntário ou negligência.

Nenhuma das questões da pauta política e econômica faltou à fala presidencial. Desde a tendência declinante da inflação até o problema da anistia que será sancionada em favor do senador Humberto Lucena, com passagem pela garantia quanto à inexistência de efeitos danosos à economia brasileira em razão da crise mexicana, nada escapou ao presidente. Ao contrário, enriqueceu sua reconhecida competência retórica com o uso de um neologismo intrigante — fracassomania — para açoitar os pessimistas e os adversários do governo.

Aos políticos, Fernando Henrique Cardoso endereçou um recado explícito, que se encaixa no quadro de moralização da vida pública: acabou-se o tempo do “toma-lá-dá-cá”. Em outras palavras, o preenchimento dos cargos governamentais não será posto em nenhum balcão, como mercadorias do varejo, para a

negociação de apoios políticos. Assim, a indispensável colaboração do Congresso, que ele encareceu como fundamental ao êxito de seu governo, resultará da partilha de responsabilidades no desate dos graves impasses nacionais.

A estabilidade do real permanece, sem enfrentar turbulências, garantiu o presidente. De fato, desde novembro do ano passado a taxa inflacionária está em queda e chega a janeiro em torno de 1,5%, a menor dos últimos nove anos. Sua condenação aos “demagogos” que sustentam a elevação do salário mínimo, agora, para R\$ 100 fez-se acompanhar de um dado assustador: a Previdência Social, com um déficit em conta corrente da ordem de R\$ 5 bilhões, simplesmente faliria caso a iniciativa do Congresso fosse por ele sancionada.

Fez bem o presidente em dirigir-se ao povo para prestar contas e contornar o avanço das críticas apressadas. Melhor fará ainda se retirar da sombra e do mutismo alguns de seus principais auxiliares, sobretudo os da área econômico-financeira. O vácuo de informações precisas e frequentes sempre é ocupado pela boataria, pelas interpretações malévolas e, não raro, por análises infamantes.